

Vozes ‘Sem Eco’ Entoadas do Nordeste do Brasil:  
Construtos de Resistência à Degradação Ambiental

Augusto Marcos Carvalho de Sena  
Doutor em Economia pela University of New Hampshire – USA  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
[amsena@unifor.br](mailto:amsena@unifor.br)  
Fone: 3262-4321  
Fax: 3477-3560

Francisco Correa Oliveira  
Doutor em Business Policy pela Warwick University – Inglaterra  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
[oliveira@unifor.br](mailto:oliveira@unifor.br)  
Fone: 3477-2932  
Fax: 3477-3560

Suely Salgueiro Chacon  
Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília – UNB  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
[suelys@unifor.br](mailto:suelys@unifor.br)  
Fone: 3477-3030  
Fax: 3477-3055

## Introdução

Atualmente movimentos de resistência a ações humanas devastadoras do meio ambiente são variados, seja na forma de organização da reação, se sócio-comunitário, governamental, não governamental ou mesmo empresarial, seja no aspecto da dimensão geográfica, se local, regional, nacional ou até mesmo mundial. Esse artigo enaltece as vozes ‘sem eco’ contra a degradação ambiental, com foco na fauna, flora e ambientes naturais circunscritos, usando a poesia contida em obras da Música Popular Brasileira do Nordeste (MPB-NE). Como forma de dar suporte teórico à adjetivação ‘sem eco’, assim como ao *spectrum* da atuação concreta de movimentos sociais ambientalistas, as vozes da resistência são contextualizadas utilizando-se as contribuições de Escobar (1992, 1995 e 1998) e Dallmayr (1996), onde dimensões políticas, sociais, ambientais e culturais se entrelaçam, dando conformidade específica às práticas dos atores no mundo real.

O trabalho assume que a poesia veiculada nas músicas de artistas que trafegam na MPB-NE pode ser usada por movimentos sociais como importante elemento disseminador do esforço de luta, tanto contra a degradação do meio ambiente, em particular, como das condições humanas de vida, em geral. Na particularidade, as vozes podem ser interpretadas como denúncia crítica do artista compositor-cantador-letrista nordestino em relação ao grave problema da degradação da fauna, flora e ambientes naturais no Brasil e os movimentos sociais podem e devem usá-las em suas atuações ambientalistas concretas. O objetivo buscado no artigo é evidenciar as fontes diretas de manifestação desta riqueza sócio-cultural, aqui concebida como vozes ‘sem eco’ da resistência à degradação ambiental.

Em sintonia com o objetivo aqui buscado, ressalte-se que o MUSE (*Musicians United to Sustain the Environment* – Músicos Unidos em Suporte ao Ambiente) é atualmente uma importante organização não-governamental que atua em defesa do meio ambiente nos Estados Unidos, usando músicos e músicas, dando apoio a movimentos sociais de resistência à

degradação ambiental na linhagem participativa do tipo *grassroots*. Apesar de, no Brasil, ainda não existir tal arranjo de forma institucionalizada, há na atuação concreta de movimentos sociais de preservação ambiental e na poesia ecológica das obras da MPB-NE fortes componentes para se conjecturar tal possibilidade, principalmente tendo-se em conta o processo de massificação consumista alienígena que avassala a música popular brasileira em geral e, em particular, a regional.

A metodologia contempla análise documental, utilizando o material contido nos encartes originais de cada obra artística, isto é, far-se-á uso dos encartes dos discos originais onde estão contidas as letras. A estruturação metodológica dará ênfase aos construtos de resistência observando-se criteriosamente três frentes de reação: à degradação da fauna e flora, ao desmatamento florestal e à degradação de paisagens naturais circunscritas.

A primeira seção do artigo apresenta a literatura sobre massificação sócio-cultural alienígena, conduzida por padrões impositivos advindos do modo de comportamento do mundo ocidental. Nesse ínterim, alusão é feita aos movimentos sociais de resistência à implantação de tais moldes ocidentais de comportamento, enfocando a importante contribuição da abordagem *grassroots*, como em Escobar (1992, 1995) Dallmayr (1996).

Na segunda seção usa-se a literatura sobre ecologia política, ênfase sendo dada aos aspectos de inter-relacionamento entre as dimensões ambientais, culturais e políticas do processo específico de atuação de movimentos sociais ambientalistas. Nessa vertente, Escobar (1998) analisa a conservação da biodiversidade usando as dimensões da ecologia política e suas inter-relações com movimentos sociais. Tal arcabouço teórico servirá de suporte para análise a ser desenvolvida na terceira seção do artigo, onde se evidencia a riqueza ecológica da poesia contida nos cantos 'sem eco' de artistas da MPB-NE e se argumenta como tal riqueza pode e deve ser utilizada como instrumento disseminador da luta de resistência à degradação ambiental.

Na conclusão conjectura-se que apesar da inexistência de movimentos culturais localizados, focados e concentrados, em relação à resistência à degradação ambiental, encampados por compositores-cantadores-letristas do nordeste do Brasil, o conteúdo de resistência das vozes possui grande potencial de penetração na esfera sócio-política.

## 1. Resistência ao Globalocentrismo e a Abordagem Participativa *Grassroots*

Nessa seção alusão é feita à parte da literatura que trata da crítica ao tipo de intervenção a que sociedades menos desenvolvidas se sujeitam, no mais das vezes, impostos por padrões sócio-culturais completamente alheios aos das comunidades locais, enfocando as importantes contribuições de Escobar (1992, 1995) e Dallmayr (1996). No contexto do objetivo central do artigo, tais contribuições serão usadas como suporte à adjetivação 'sem eco' dada às vozes da resistência dos compositores-cantadores-letristas da MPB-NE.

Escobar (1995) desenvolve crítica em relação ao modo como países do terceiro mundo sofrem intervenção, sob a retratação de especialistas externos, quando da implantação de programas de desenvolvimento. Em referência a isso, Escobar (1995, p. 13) diz:

Development has relied exclusively on one knowledge system, namely, the modern Western one. The dominance of this knowledge system has dictated the marginalization and disqualification of non-Western knowledge systems. In these latter knowledge systems, ... , researchers and activists might find alternative rationalities to guide social actions...

Essa citação traz em seu bojo forte mensagem em prol da luta de resistência, incluindo a atuação de pesquisadores e ativistas de países do terceiro mundo, à imposição de verdades advindas de fora para dentro. No Brasil, a cultura local, em geral, e a música regional, em particular, têm enfrentado tal tentativa de marginalização e desqualificação. Note também que

o autor aponta para perspectiva alentadora, quando menciona que racionalidades alternativas podem ser importantes norteadores de ações, como a racionalidade seguida pelo presente estudo, ao colocar a poesia das músicas da MPB-NE como instrumento de luta ambientalista.

Escobar (1992) afirma que hoje, em países pobres, existe uma variedade de estudos cujo interesse é explícito no conhecimento e cultura locais, com atuação destacada de movimentos localizados e plurais na linhagem participativa do tipo *grassroots*. Da mesma forma Dallmayr (1996) retrata a resistência das vozes vindas do subcontinente indiano, afirmando que o *Center for the Study of Developing Societies* em Delhi, na Índia, (Centro de Estudo de Sociedades em Desenvolvimento) é força viva congregadora de toda uma variedade de vozes de repúdio ao globalocentrismo.

Em sintonia com o objetivo aqui perseguido, e em relação à adjetivação ‘sem eco’ das vozes da resistência à degradação ambiental, pode-se dizer que a força ativista dessa forma de expressão poético-cultural do nordeste é bastante restrita, em decorrência da massificação consumista ditada por padrões externos à cultura local.

## 2. Ecologia Política, Biodiversidade e Movimentos Sociais

Escobar (1998) analisa a conservação da biodiversidade usando as dimensões da ecologia política e suas inter-relações com movimentos sociais. Segundo ele, a conservação da biodiversidade deve ser concebida como um construto permeado por cultura e natureza, contemplando uma rede de interações, de localidades e atores, através dos quais conceitos, políticas, culturas e ecologias são contestados e negociados. Escobar (1998, p. 75) coloca:

The social movement of black communities can thus be described as one of cultural and ecological attachment to a territory ... Despite its precariousness, its articulation of a link between culture, nature, and development constitutes an alternative political ecology framework for biodiversity discussions. The movement can be seen as an attempt to show that social life, work, nature, and culture can be organized differently....

Nessa perspectiva, vislumbra-se, no presente artigo, a possibilidade de movimentos sociais de natureza ambientalista no Brasil contemplar dimensões envolvendo apego cultural e ecológico a determinado território. É exatamente nesse contexto que, na seção a seguir, a riqueza poético-ecológica da MPB-NE será apresentada com o intuito de servir de inspiração e instrumento de luta à resistência contra a degradação ambiental no Brasil.

## 3. Vozes ‘Sem Eco’ da MPB-NE: Construtos de Resistência à Degradação Ambiental

Nessa seção apresenta-se a evidência das vozes da resistência. A riqueza ecológica da poesia contida nas músicas de artistas da MPB-NE é apresentada e argumenta-se que tal riqueza pode ser usada como importante instrumento disseminador do ideário de resistência por movimentos ambientalistas. A análise dos construtos de resistência é conduzida observando-se três linhas de reação: à degradação da fauna e flora, ao desmatamento florestal e à degradação de ambientes naturais circunscritas.

### 3.1 Desmatamento Florestal: Tributo à Fauna, Flora e Ambientes Naturais

A primeira obra, ‘Saga da Amazônia’, de autoria de Farias (1984), trata da devastação que ora se impõe à floresta amazônica. Em relação a ambientes naturais circunscritos vê-se que, imensa floresta, mata verde, rios puxando águas, igarapés e riachos permeiam a riqueza poética do canto. A fauna florestal está presente em abundância, com toda a diversidade de espécies de diferentes habitats: papagaios, periquitos, peixes singrando rios, curumins,

juruparis, uirapurus.

### Saga da Amazônia – Autor: Vital Farias (PB)

Era uma vez na Amazônia, a mais bonita floresta. Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta ..... E os rios puxando as águas. Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores. Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores. Sorria o jurupari, uirapuru seu porvir era: fauna, flora, frutos e flores. Toda mata tem caipora para a mata vigiar. Veio caipora de fora para a mata definir ..... o dragão cortar madeira e toda mata derrubar: se a floresta, meu amigo, tivesse pé prá andar, eu garanto meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá. O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar. E o fruto que dá no cacho pra gente se alimentar?? Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar, igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar ..... Mas o dragão continua a floresta devorar. E quem habita essa mata pra onde vai se mudar??? Corre ..... preguiça, tamanduá, tartaruga, pê-ligeiro, corre, corre ..... Foi então que um violeiro chegando na região ficou tão penalizado e escreveu esta canção. E talvez desesperado com tanta devastação, pegou a primeira estrada sem rumo, sem direção .... era uma vez uma floresta na linha do Equador.

Dias (2004), em sua poesia ‘Canção da Floresta’ alerta o mundo contra o monstro da devastação florestal, denunciando feridas que o próprio homem tem feito no coração da mata. Diz ele sabiamente: “Fauna e flora valem mais do valor que o ouro tem ..... A natureza é selvagem ... Ela é a mãe dos seres vivos ... Floresta é palco de ave, museu de sonho e de flor”.

### Canção da Floresta – Autor: Sebastião Dias (RN)

Tombam árvores ..... queimam matas, ninguém vê que o futuro está perdido ..... alertem o mundo pra floresta não morrer. Devastação é um monstro que a natureza atropela. Essas manchas de queimadas, que hoje vemos sobre ela, são feridas que os homens fizeram no corpo dela. Use as mãos, mude uma planta, regue o chão, faça um pomar. Ouça a voz do passarinho, a floresta quer chorar. Quando os cedros vão tombando dão até a impressão, que os estalos são gemidos implorando compaixão ..... Fauna e flora valem mais do valor que o ouro tem. A natureza é selvagem, mas não ofende ninguém. Ela é a mãe dos seres vivos, precisa viver também ..... limpem os rios ..... Floresta é palco de ave, museu de sonho e de flor.

‘Matança’, música e letra de autoria de Jatobá (1981), encerra riquíssimo conteúdo poético do retrato biodiverso de espécies da flora de duas matas brasileiras: a amazônica e a atlântica. A denúncia contra a matança envolve citação de 39 tipos de madeira, talvez a obra musical que no mundo mais contenha espécies da flora. Em relação à voz de resistência contida na obra, a denúncia é explícita e o alerta é dado, pois quando chegar a hora, antecipada em Postel (1994), já será tarde demais.

### Matança – Autor: Jatobá (BA)

Cipó caboclo tá subindo na virola. Chegou a hora do pinheiro balançar, sentir o cheiro do mato da imburana, descansar, morrer de sono na sombra da barriguda. De nada vale tanto esforço do meu canto, pra nosso espanto tanta mata haja vão matar. Tal mata atlântica e a próxima amazônica, arvoredos seculares impossível replantar. Que triste sina teve cedro nosso primo ... Quem por acaso ouviu falar do sucupira. Parece até mentira que o jacarandá antes de virar poltrona, porta, armário, morar no dicionário, vida eterna milenar. Quem hoje é vivo corre perigo e os inimigos do verde, da sombra ... só quem pode nos salvar é: caviúna, cerejeira, baraúna, imbuia, pau-d'arco, solva, juazeiro e jatobá, gonçalo-alves, paraíba, itaúba, louro, ipê, paracaúba, peroba, massaranduba, carvalho, mogno, canela, imbuzeiro, catuaba, janaúba, aroeira, araribá, pau-ferro, anjico, amargoso, gameleira, andiroba, copaíba, pau-brasil, jequitibá.

As três obras analisadas contemplam, em essência, o desmatamento que ora impera

em parte substancial das florestas, em particular, da amazônica e da mata atlântica no Brasil. O caráter de denúncia permeia toda a poesia e insere o que Escobar (1998) chama de inclusão progressiva de resistência se referindo a atuações concretas de movimentos sociais.

A contextualização em relação às concepções teóricas, usados nas seções 1 e 2, deve ser feita atentando-se para o fato de que o estudo aqui desenvolvido não contempla a atuação dos movimentos sociais de resistência à degradação ambiental per si, mas sim como se poderia vislumbrar a utilização de um importante meio de veiculação do ideário de luta: as vozes ‘sem eco’ da poesia contida em obras da MPB-NE do Brasil.

### 3.2. Retrato da Biodiversidade da Fauna Terrestre e Degradação de Ambientes Naturais

A música ‘Água’, da autoria de Avelino & Jatobá (1981), enaltece a importância desse recurso natural (exaurível?) no contexto de alerta à possibilidade de manutenção da sustentabilidade de ecossistemas.

#### Água – Autores: Avelino [Xangai] (BA) & Jatobá (BA)

A grota inteira tá chorando de saudade da umidade que fecunda a terra seca. Vital retalho do céu que manda pro solo, divino orvalho, gozo que nos eterniza. Intimidade que pertence à natureza ..... Sustento eterno das matas, do mar o vento. Centro da vitalidade do universo. Verso e reverso que reveste a natureza. Está presente na terra, em toda parte. Na arte farta de tanta imagem poética que alimenta a filosófica estética. Clara, cristalina, límpida e forte. É responsável pela vida ou morte em marte. Se faltar aqui na terra tem tragédia, catastrófica será se vem de sobra. E a nossa ignorância será mágoa, mas a nossa inteligência será trégua. Quando sólidos e sós seremos água.

A voz contida em ‘Natureza’, da autoria do repentista Villanova & Avelino (1984), não entoia explicitamente qualquer tipo de resistência, mas enaltece a biodiversidade da fauna terrestre e a riqueza ecológica presente em diferentes habitats naturais. Assim, o peixe-elétrico electrocuta com fios da natureza; a tartaruga chega aos quatrocentos anos com certeza; o mundo encantado da passarada de majestosa cor; o impala, a zebra, o leão, o tigre-de-bengala e o macaco que faz tudo, mas não fala; a tromba prênsil do elefante.

Em referência à luta de preservação de ecossistemas por movimentos ativistas ambientalistas no Brasil, e dentro da contextualização de apropriação e preservação da biodiversidade presente em Escobar (1998), a obra ‘Natureza’ dispõe de elementos importantes relativos à variedade de espécies e ambientes circunscritos que poderiam ser usados pelos ativistas.

#### Natureza - Ivanildo Villanova (PE) & Avelino [Xangai] (BA)

..... O poroquê ou peixe-elétrico é um tipo genuíno, habitante dos rios e águas pretas. Com ele possui certas plaquetas que o dotam de um mecanismo fino. descarga mortífera absoluta, sua auto-voltagem electrocuta com os fios da santa natureza. A tartaruga gostosa, feia e mansa, habitante dos rios e oceanos. Chegar aos quatrocentos anos para ela é rotina, é confiança. Guarda ovos na areia e nem se cansa de por eles zelar como defesa .... O canário é pássaro cantor, diferente de garça e pelicano, papagaio, arara e tucano, todos eles com majestosa cor. O gavião é um tipo caçador e columbiforme é a bruguesa. O aquático flamingo é da represa, a águia rapace agigantada, eis o mundo das aves, a passarada, quanto é grande, poderosa e bela a natureza. A gazela, o antílope e o impala, a zebra e o alce felizardo, não habitam em comum com o leopardo, o leão e o tigre-de-bengala. O macaco faz tudo, mas não fala ... Tem o búfalo aspecto de grandeza, o boi manso e o puma tão valente, cada um de uma espécie diferente, tudo isso é obra da natureza ..... O réptil de aspecto esquisito, o pequeno tamanho do mosquito, a tromba prênsil do elefante, a saliva incolor do ruminante, a mosca nociva e indefesa, a cobra que ataca de surpresa, aplicar o veneno é seu mister, de uma vez mata trinta se puder, mas isso é coisa da natureza ..... O morcego com o rato

bastante se parece, nas cavernas escuras sobe e desce ..... A formiga pequenina, fidalgal inimiga da lavoura ... A aranha pequena, tão arguta, de finíssimos fios faz a teia .... Quem pensar destruir-lhe a fortaleza perderá de uma vez toda a esperança. Sua rede é autêntica segurança, operária das mãos da natureza ..... O inseto do sono tsé-tsé ..... A feiúra real do caboré, no pavão é enorme a boniteza. Tem o lince visão e agudeza e o cachorro finíssima audição, vigilante mal pago do patrão, isso é coisa da santa natureza?

A ausência de voz de resistência observada quando se analisa o conteúdo das duas obras acima, principalmente em ‘Natureza’, não desclassifica tais músicas como instrumentos conscientizadores da luta pela preservação ambiental. Ao contrário, servem elas de importante veículo de retratação de ambientes naturais pertencentes a diferentes ecossistemas e que devem ser enaltecidos e usados como elemento disseminador da luta de movimentos sociais em prol da preservação da fauna terrestre. Fica, assim, ativado o sinal de alerta àqueles que perseguem vidas da fauna e flora, recursos e paisagens naturais.

## Conclusão

O estudo usou a poesia contida em obras da MPB-NE, apresentando o conteúdo ecológico de cinco músicas de autores nordestinos. Como conclusão, sugere-se que tal acervo possa ser usado, seguindo Escobar (1998), como instrumento de atuação concreta por parte de movimentos sociais ambientalistas do Brasil. As vozes ‘sem eco’ da resistência à degradação ambiental, com foco na fauna, flora e ambientes naturais circunscritos, e entoadas por compositores-cantadores-letristas do nordeste, se revestem de importância ímpar no que diz respeito à apropriação e conservação de nossa biodiversidade e à atuação de movimentos sociais de resistência à ação degradadora do meio ambiente.

Enfim, como entoa o poeta Potiguar Silvestre (1984), “... Só é cantador quem traz no peito o cheiro e a cor de sua terra, a marca de sangue de seus mortos e a certeza de luta de seus vivos ...”. Assim, em sintonia com o objetivo do presente artigo, movimentos sociais ambientalistas no Brasil podem e devem utilizar o acervo de vozes poético-ecológicas da MPB-NE como instrumento de intensificação harmoniosa na atuação concreta em defesa da preservação da biodiversidade. Se não? Era uma vez a Amazônia!

## Referências

AVELINO, E. & JATOBÁ, A. Água. In: Avelino, E. *Quê que tu tem canário (vinil)*. Estúdios de Invenções da Transamérica, Rio de Janeiro, 1981.

DALLMAYR, F. Global development? Alternatives voices from Delhi. *Alternatives*, 21, 2, 259-279, April-June 1996.

DIAS, S. Canção da Floresta. In: Lopes, R. *Donos do Brasil (cd)*. Indie Records, Rio de Janeiro, 2004.

ESCOBAR, A. Reflections on development: grassroots approaches and alternative politics in the third world. *Futures*, 24, 5, 411-436, 1992.

\_\_\_\_\_. *Encountering development: the making and unmaking of the third world*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Whose knowledge, whose nature? biodiversity, conservation, and the political

ecology of social movements. *Journal of political ecology*, 5, 53-81, 1998.

FARIAS, V. Saga da Amazônia. In: Melo, E., Azevedo, G., Farias, V. e Avelino, E. *Cantoria (Vinil)*. Kuarup Produções Ltda, Rio de Janeiro, 1984.

JATOBÁ, A. Matança. In: Melo, E., Azevedo, G., Farias, V. e Avelino, E. *Cantoria (vinil)*. Kuarup Produções Ltda, Rio de Janeiro, 1984.

MUSE – Musicians United to Sustain the Environment. Site - <http://www.musemusic.org/>. Acessado em 26/09/2007.

POSTEL, S. Carrying capacity: earth bottom line. In: Worldwatch Institute. *State of the World*. 1994.

SILVESTRE, F. In: Melo, E., Azevedo, G., Farias, V. e Avelino, E. *Cantoria (Vinil)*. Kuarup Produções Ltda, Rio de Janeiro, 1984.

VILLANOVA, I. & AVELINO, E. Natureza. In: Avelino, E. *Mutirão da vida (vinil)*. Kuarup Produções Ltda, Rio de Janeiro, 1984.